

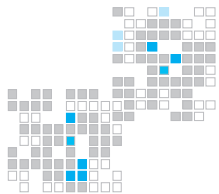
A RECEPÇÃO DAS IDÉIAS DE WILBUR SCHRAMM NO BRASIL¹



José Marques de Melo

■ Diretor da Cátedra Unesco / Metodista de Comunicação e Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom.

■ E-mail: marquesmelo@uol.com.br



¹ Comunicação apresentada à mesa-redonda “O pensamento de Wilbur Schramm: projeção para os estudos da comunicação para o desenvolvimento”, durante o **Seminário Schramm: os paradigmas da comunicação para o desenvolvimento**, promovido pelo Posmex – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 21 de maio de 2007.

RESUMO

Wilbur Schramm (1907-1987) adquiriu notoriedade mundial pela atuação como consultor da Unesco, onde formulou a estratégia de uso da comunicação de massa para o desenvolvimento dos países estagnados do terceiro mundo. Ele adquiriu legitimidade para essa missão como decorrência do papel decisivo que desempenhou na renovação dos estudos comunicacionais nas universidades dos Estados Unidos da América. Para compreender o impacto das suas idéias na sociedade brasileira, o autor percorre o seu itinerário intelectual, vislumbrando as circunstâncias que explicam o fenômeno da “modernização sem desenvolvimento”.

PALAVRAS-CHAVE: PENSAMENTO COMUNICACIONAL; COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO; ESTADOS UNIDOS; AMÉRICA LATINA; BRASIL.

ABSTRACT

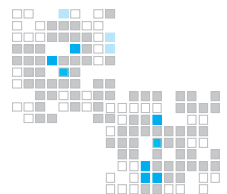
Wilbur Schramm (1907-1987) has won worldwide acclaim for his work as a consultant at UNESCO, where he conceived a strategy to build a master plan for the development of third world countries through the use of mass media. Schramm gained legitimacy for his key role as an agent of change in Communication studies in American Universities. In order to understand the impact of his ideas on Brazilian society, the author of this paper reviews Schramm's intellectual background, as an attempt to expose the roots of the so-called “modernizing without developing” phenomenon.

KEYWORDS: COMMUNICATIONAL THINKING; COMMUNICATION TOWARDS DEVELOPMENT; UNITED STATES OF AMERICA; LATIN AMERICA; BRAZIL.

RESUMEN

Wilbur Schramm (1907-1987) logró notoriedad mundial por su labor como asesor de UNESCO, lugar en que formuló la estrategia de uso de la comunicación masiva para el desarrollo de los países retrasados del tercer mundo. Él conquistó legitimidad para esa tarea en función del papel decisivo desarrollado en la renovación de los estudios comunicacionales en las universidades de América del Norte. Para comprender el impacto de sus ideas en la sociedad brasilera, el autor rehace su itinerario intelectual, observando las circunstancias que explican el fenómeno de la “modernización sin desarrollo”.

PALABRAS CLAVES: PENSAMIENTO COMUNICACIONAL. COMUNICACIÓN PARA EL DESARROLLO. ESTADOS UNIDOS. AMÉRICA LATINA. BRASIL.



Contexto e conjunturas

As relações entre comunicação e desenvolvimento conquistaram legitimidade acadêmica somente depois da publicação do alentado ensaio de Wilbur Schramm (1964) - *Mass Media and National Development* - como produto de uma encomenda feita pela Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Marques de Melo, 2006).

Antes disso, Daniel Lerner (1958) suscitara atenção para o problema ao teorizar sobre a modernização de sociedades tradicionais enquanto processo inspirado no histórico modelo europeu. Fundamentando-se nas observações empíricas feitas no Oriente Médio, em países como Turquia, Egito, Líbano, Síria, Jordânia e Irã, esse autor escreveu o clássico livro *The Passing of Traditional Society* (1958).

Bebendo nessa fonte, Schramm esboçava suas teses sobre a comunicação como “motor do desenvolvimento nacional”, expondo-as perante o Comitê de Política Comparada do Conselho Norte-Americano de Pesquisas em Ciências e posteriormente divulgando-as na coletânea organizada por Lucien Pye (1963) sob o título *Communications and Political Development*.

Elas provocaram impacto significativo na comunidade científica, sendo revisitadas na conferência que Daniel Lerner e o próprio Wilbur Schramm lideraram em Honolulu (1964).

Tais análises centravam o foco no papel da comunicação para o desenvolvimento nacional, resgatando experiências de países emergentes do então chamado “terceiro mundo”, como China, Índia e Filipinas.

Entretanto, desde a conjuntura do pós-guerra a Unesco, enquanto agência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, vinha se preocupando com essa questão.

O esforço de reconstrução europeia, através do Plano Marshall, fora alicerçado em projetos de revitalização dos sistemas nacionais de comunicação

massiva naqueles países vitimados pela devastação bélica. Beneficiários dos financiamentos oriundos dos fundos internacionais, os meios de comunicação impressa ou eletrônica atuaram como suportes indispensáveis para motivar suas populações à retomada do desenvolvimento econômico, como a França e a Itália.

Baseando-se nas experiências de restauração do desenvolvimento em nações conflagradas pela guerra mundial, as lideranças da Unesco passaram a fomentar a superação do sub-desenvolvimento naqueles outros países situados em continentes outrora vitimados pelo colonialismo, especialmente na Ásia, África e América Latina, cenários históricos da pobreza endêmica.

Essas teses desenvolvimentistas da Unesco foram amplamente difundidas na América Latina através de traduções do antológico livro de Wilbur Schramm, anteriormente referido (Marques de Melo, 2004, p. 20).

Seu efeito multiplicador projetou-se em todo o continente, gerando o movimento intelectual liderado pelo jornalista equatoriano Jorge Fernández, fundador do Ciespal – Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina – *locus* gerador da corrente de pensamento comunicacional que pretendia ser um terceira via entre a teoria crítica e a pesquisa aplicada (Marques de Melo & Gobbi, 2002).

Infelizmente os episódios desencadeados pelo Relatório McBride, nos estertores da guerra fria, bloquearam as soluções enraizadas no sistema capitalista. A vanguarda comunicacional latino-americana orientou-se abertamente pela defesa de uma “nova ordem mundial de informação e comunicação”. Assim sendo, as idéias ancoradas no binômio comunicação-desenvolvimento (Casmir, 1991), tendo como pressuposto a economia de mercado e como requisito a democracia parlamentar, ficaram de certo modo “congeladas”.

A inércia que avassala as instituições em crise aguçou, nessa conjuntura, o enfraquecimento da

Sem dúvida, a celebração do centenário de Wilbur Schramm (1907-1987) representa uma oportunidade histórica para o resgate crítico das suas utopias.

Unesco (Marques de Melo, 1998, p. 285-404). Apesar disso, o novo cenário da globalização acelerada (Marques de Melo, 1989) demandava o resgate da memória desse episódio histórico, bem como a retomada de suas idéias fundadoras (Alfonso, 1996, p. 35-47).

Sem dúvida, a celebração do centenário de Wilbur Schramm (1907-1987) representa uma oportunidade histórica para o resgate crítico das suas utopias. Esta comunicação pretende focalizar a recepção das idéias desse autor paradigmático em nosso país.

O contexto em que ele atuou e as conjunturas em que viveu podem ser melhor compreendidos através de três obras de referência histórica: Czitrom (1982), Delia (1987) e Dennis & Wartella (2000).

História de vida

Wilbur Schramm teve sua trajetória devidamente reconstituída por autores como McAnany (1988), Rogers (1994), Chaffee & Rogers (1997). A partir dessas fontes, é possível dimensionar cronologicamente seu percurso intelectual, como relatamos a seguir:

1907 – Nasceu em Marietta, Ohio, mudando-se depois para Virgínia, West Virgínia e Kentucky, onde sempre viveu em cidades pequenas, cultivando hábitos refinados, típicos da cultura do sudeste, que se refletiam em seu comportamento gestual e também na sua maneira de falar.

1930 – Conquistou o título de Mestre em Literatura Americana na Universidade de Harvard, onde estudou com o filósofo Alfred North Whitehead.

1932 – Obteve o grau de Doutor (PhD) em Inglês na Universidade Estadual de Iowa, estudando a poética de Henry Wadsworth Longfellow.

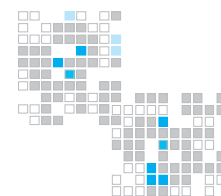
1934 – Completou os estudos de pós-doutorado em Psicologia na Universidade de Iowa, onde foi contratado como Professor Assistente do Departamento de Inglês, ministrando cursos para redatores de textos ficcionais.

1939-1941 – Publicou inúmeros contos em revistas de grande circulação sobre temas do imaginário ianque, liderando no campus a Oficina de Escritores de Iowa.

1942 – Alistando-se como voluntário no serviço militar, passou a trabalhar na Biblioteca do Congresso, em Washington, integrando a equipe do Office of Facts and Figures (OFF), agência governamental de propaganda bélica. Colaborou inicialmente na redação das “conversas ao pé do fogo” mantidas pelo Presidente Roosevelt com o povo norte-americano através de cadeia radiofônica nacional. Também participou da equipe multidisciplinar que assessorou o governo dos Estados Unidos a adotar estratégias de comunicação bélica durante o período decisivo da II Guerra Mundial. Ali conviveu com Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Carl Hovland, Kurt Lewin, Margaret Mead e outros proeminentes cientistas sociais.

1943 – Retornou à Universidade de Iowa, onde foi nomeado Diretor da Escola de Jornalismo, aplicando um plano de reforma curricular que ampliou o campo de estudos para a comunicação de massa, introduzindo uma agência de pesquisa de mídia e criando um doutorado em comunicação.

1947 – Assumiu o cargo de Diretor do Instituto de Pesquisa em Comunicação da Universidade de Illinois, onde publica uma coleção de textos básicos sobre teoria e pesquisa em comunicação, reunindo muitos dos autores com os quais convivera em Washington durante os tempos da guerra. Aproveitando a conjuntura da Guerra da Coreia,



A porta de entrada para a difusão das idéias de Schramm na América Latina foi Quito, Equador, onde a Unesco instalou, em 1959, o Ciespal

direcionada os pesquisadores da sua equipe para o desenvolvimento de estudos sobre Comunicação Internacional que serviram para balizar as estratégias do governo dos Estados Unidos no período da Guerra Fria.

1955 – Transferiu-se para a Universidade de Stanford, onde assume a direção do Instituto de Pesquisa em Comunicação, lastreado por verbas provenientes da Fundação Ford e da Usaid – United States Agency for International Development. Forma ali uma plêiade de jovens doutores em comunicação que assumiriam a liderança dos principais institutos de pesquisa do país e seriam alçados ao topo da comunidade acadêmica da área.

1973 – Aposentou-se na Universidade de Stanford e aceita o convite da Universidade do Hawaii para dirigir o Instituto de Comunicação do Centro de Estudos Leste-Oeste.

1987 – Faleceu em Honolulu aos 80 anos de idade.

1997 – O livro póstumo *The Beginnings of Communication Study in América – a personal memoir* (Sage) é publicado pelos discípulos Steven Chaffee e Everett Rogers, que proclamam sua condição de “pai fundador” dos estudos comunicacionais nos Estados Unidos.

Itinerário de Schramm no Brasil

O impacto de idéias de Wilbur Schramm aparentemente foi pouco expressivo na América Latina, se tomarmos como referência o fato de que apenas dois autores dedicaram atenção ao seu protagonismo acadêmico: Toussaint (1975) e Otero (1997).

Mas, quando examinamos de forma abrangente a dinâmica do pensamento comunicacional na região, a percepção é completamente distinta.

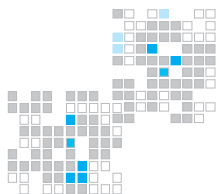
A porta de entrada para a difusão das idéias de Schramm na América Latina foi Quito, Equador, onde a Unesco instalou, em 1959, o Ciespal – Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina.

Através dos cursos de pós-graduação, ali promovidos anualmente, desde o início dos anos 60, suas idéias e suas obras circularam profusamente junto à nova geração de professores de jornalismo. A tradução de duas antologias por ele organizadas – *Proceso y Efectos de la Comunicación Colectiva* (1964) e *La Ciência de la Comunicación Humana* (1965) – alavancou a difusão do pensamento desenvolvimentista centrado no potencial educativo dos meios de comunicação.

Os primeiros jornalistas brasileiros que participaram dos cursos pioneiros do Ciespal – Danton Jobim e Luiz Beltrão, na condição de professores; Ana Arruda Callado, Sanelva de Vasconcelos, Arael da Costa Menezes, Zita de Andrade Lima, na condição de alunos – tomaram conhecimento das suas teses, seja pela leitura dos textos de sua autoria, seja pela freqüência aos seminários ministrados por seus discípulos, como Paul Deutschman, Wayne Danielson, Malcolm McLean, John Mc Nelly.

Concomitantemente, suas obras são traduzidas para o português e editadas no Brasil. Em novembro de 1964 circula a antologia *Panorama da Comunicação Coletiva* (Rio de Janeiro: Fundo de Cultura), cujo capítulo inicial é o ensaio “Pesquisa sobre comunicação nos Estados Unidos”, onde ele explicita o seguinte postulado: “Quando um país resolve industrializar-se, aumenta suas comunicações para informar o povo e motivá-lo” (Schramm, 1964, p.18).

Enquanto nas emergentes faculdades de comu-



nicação o interesse acadêmico voltava-se para os seus estudos processuais, principalmente a famosa “tuba de Schramm”, que aplica o modelo informacional de Shannon ao campo da comunicação humana, nos círculos governamentais o interesse político focalizava o papel da comunicação coletiva na aceleração do desenvolvimento econômico.

A fonte alimentadora dessa corrente difusionista foi o livro publicado em 1964 pela Unesco – *Comunicação de Massa e Desenvolvimento* –, cuja edição brasileira circulou em 1970, através das Edições Bloch, traduzido por Muniz Sodré e Robert Lent e prefaciado por Alberto Dines.

A assimilação precoce das teses desenvolvimentistas de Schramm pela elite dirigente do Brasil encontra-se documentada enfaticamente no prefácio de Alberto Dines: “Este livro, apesar de somente agora estar traduzido para o português, já tem uma pequena história na vida brasileira. A primeira pessoa que nele falou foi o Ministro Roberto Campos, em 1964. Logo, as suas conclusões foram traduzidas e publicadas no primeiro número dos *Cadernos de Jornalismo e Comunicação* editados pelo *Jornal do Brasil*. Requisitada por ministros, governadores, secretários de Estado e simples administradores, a publicação rapidamente se esgotou, fazendo com que estas conclusões fossem reimpressas na mesma publicação, dois anos depois. Agora, Edições Bloch publicam não apenas as sugestões pragmáticas e objetivas, dignas de um estadista, mas as considerações teóricas que as geraram, na certeza de que este venha a ser um livro de cabeceira e de mesa dos homens públicos” (p.20).

Antes disso, uma síntese da sua concepção sobre a dinâmica comunicacional, como sujeito e objeto dos processos de desenvolvimento, conquistara espaço na agenda cultural brasileira, através do ensaio “O desenvolvimento das comunicações e o processo de desenvolvimento”, incluído na coletânea de Lucien Pye – *Comunicações e Desenvolvimento Político* (Rio de Janeiro: Zahar, 1967).

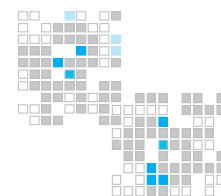
Ele constrói a seguinte argumentação: “A evolução nas comunicações é provocada pela evolução econômica, social e política que é parte do crescimento nacional. De outro ponto de vista, ela está entre as principais causas e agentes dessa evolução” (Schramm, 1967, p. 20).

E mais adiante ganharia espaço no debate público nacional uma função comunicacional menos estruturante (economicista) e mais relativizante (comportamentalista), ou seja, o papel dos meios de difusão coletiva na mudança de atitudes da sociedade. Publicados no livro *Comunicação e Mudança nos países em desenvolvimento*” (editado por Wilbur Schramm e Daniel Lerner, São Paulo: Melhoramentos, 1973), seus ensaios “Comunicação e mudança” e “Como os sistemas dos meios de comunicação de massa se desenvolvem” suscitam a atenção dos cientistas sociais, principalmente daqueles engajados em projetos de desenvolvimento comunitário.

Autor representativo da corrente hegemônica do pensamento comunicacional, naquela conjuntura, Wilbur Schramm passou a ser referenciado pelos pensadores brasileiros da área. Vejamos alguns exemplos:

Eduardo Diatay Bezerra de Menezes, em seu texto didático “Fundamentos Sociológicos da Comunicação”, capítulo da coletânea organizada por Adisia Sá – *Fundamentos Científicos da Comunicação* (Petrópolis: Vozes, 1973) – apresenta o modelo de Schramm como “excelente contribuição” ao entendimento do processo comunicacional, assim justificando: “o modelo que ele propõe constitui uma das melhores análises do processo de comunicação; possui a vantagem de aliar à simplicidade o relevo atribuído a certos elementos de processo geralmente esquecidos ou omitidos noutros modelos, como é o caso, por exemplo, de contexto ou sistema sociocultural (que ele chama de “campo de experiência”) em que o fenômeno se dá” (p. 167)

Por sua vez, Marcello Casado d’Azevedo, no



manual *Teoria da Informação* (Petrópolis: Vozes, 1971), utiliza a tuba de Schramm para explicar o conceito de “repertório”, ou seja, o conjunto de símbolos conhecidos ou assimilados pelo receptor. “Sua importância na comunicação pode ser vista no esquema do processo de comunicação elaborado por Schramm, onde, focalizando a comunicação interpessoal, ele salienta a necessidade de *campos comuns de experiência* para que o processo se estabeleça” (p. 89).

Também Luiz Beltrão a ele recorre para ilustrar o conceito de “temporalidade” nos efeitos da comunicação, em seu tratado *Fundamentos Científicos da Comunicação* (Brasília: Thesaurus, 1973). “Esse período de tempo é o que Schramm denomina *resposta mediatória*, explicando-a pelo fato de que as mensagens nos chegam sob a forma de símbolos”. (p. 144)

Lido, citado e comentado, suas idéias logo se difundiram pelo território nacional, episódio que desafia hoje os historiadores do nosso campo acadêmico a inventariá-lo criticamente.

Dialogando com Wilbur Schramm

Como contribuição a esse percurso pelas sendas da memória coletiva, anoto alguns elementos que podem servir para motivar os jovens pesquisadores no resgate sistemático da trajetória daqueles nossos intelectuais orgânicos.

Minha primeira aproximação ao universo cognitivo edificado por Schramm deu-se em 1965, quando freqüentei o curso de pós-graduação do Ciespal, em Quito. Além de haver lido seus textos principais, na disciplina “Processo da Comunicação”, ministrada por Bruce Westley, tive a chance de ser aluno de dois dos seus discípulos prediletos da Universidade de Stanford: Wayne Danielson e Malcom MacLean, com quem aprendi metodologia da pesquisa em comunicação.

Recorri a sua literatura ao escrever o ensaio “Comunicação, Desenvolvimento, Informação Rural”, incluído no livro *Comunicação, Opinião, Desenvol-*

vimento (Petrópolis: Vozes, 1971), valendo-me do conceito de “redes de comunicação” para discutir o estágio de superação do subdesenvolvimento no caso latino-americano. Questionava, ali, a validade do modelo que a Unesco, baseada nas idéias de Schramm, propusera aos países do terceiro mundo para alcançar os patamares das sociedades desenvolvidas. Meu argumento era o de que a América Latina preenchia as condições mínimas, no tocante à disponibilidade das “redes de comunicação”, mas o continente submergia nas brumas da miséria, da pobreza e da ignorância.

Voltei novamente a Wilbur Schramm em minha tese de doutoramento (1973), quando estudei o papel revolucionário da imprensa na sociedade ocidental. Dele me vali para fortalecer o argumento, sugerido por McLuhan em sua *Galáxia de Gutenberg*, de que o livro impresso estimulou o desenvolvimento do “espírito de crítica” que respaldou o triunfo da ciência, conduzindo à revolução tecnológica. Serviu-me, nessa argumentação, sua tese de que “sem a imprensa é possível que tivéssemos tido o Iluminismo, mas é muito para duvidar que ocorresse um dia a Revolução Francesa ou a Revolução Norte-Americana” (Marques de Melo, 2003, p. 54-55).

Incursões mais profundas pelo legado de Schramm eu as fiz durante o estágio de pós-doutorado na Universidade de Wisconsin (1973-1974), quando empreendi uma jornada de aproximação ao acervo comunicacional do meio-oeste norte-americano, onde o renomado cientista vivenciou sua transição da literatura ao jornalismo, galgando o território mais amplo da comunicação. Encontrei vestígios do trabalho seminal de Wilbur Schramm na University of Illinois, onde ele criou um Instituto de Pesquisa em Comunicação, que o alçaria para ocupar em Washington a função de gestor do programa integrado de pesquisa em comunicação patrocinado pelo Congresso dos Estados Unidos para subsidiar a ação bélica daquela potência emergente durante a II Guerra Mundial.

Autor representativo da corrente hegemônica do pensamento comunicacional, naquela conjuntura, Wilbur Schramm passou a ser referenciado pelos pensadores brasileiros da área.

O conhecimento holístico adquirido nessa peregrinação pelas bibliotecas do Mucia – Consórcio das Universidades do Meio-Oeste (Illinois, Urbana-Champaign, Wisconsin, Michigan State, Minnesota), permitiu compreender a penetração do ideário schrammiano no contingente de pesquisadores brasileiros acantonado nos Estados Unidos. Produto dessa observação é o livro *Comunicação, Modernização e Difusão de Inovações no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1976), enfileirando artigos escritos por brasileiros e brazilianistas, onde os postulados de Schramm e seus discípulos (Berlo, Rogers, Kumata) transparecem com nitidez.

Naquela conjuntura, marcada pelo insucesso das políticas desenvolvimentistas, o próprio Schramm e sua equipe já faziam solene auto-crítica. As estratégias aplicadas no terceiro mundo, particularmente na América Latina, conduziram ao desenvolvimento exponencial das “redes de comunicação”, sem que estas alavancassem o desenvolvimento econômico-social. Endossando a seqüência inevitável entre a “revolução das expectativas crescentes” e a “revolução das frustrações crescentes”, seus autores reconheciam que, nas sociedades cujas elites obstaculizavam a distribuição de renda, e conseqüentemente a melhoria das condições de vida das maiorias empobrecidas, não havia mudança social.

Esse processo de “modernização sem desenvolvimento” está documentado no meu livro *Subdesenvolvimento Urbanização e Comunicação* (Petrópolis: Vozes, 1976).

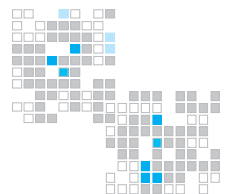
Depois de revisar a argumentação empregada por Wilbur Schramm e endossada pela Unesco, concluo enfaticamente: “...tanto o Brasil como os seus *mass media* ainda estão em processo de des-

envolvimento. Talvez novos estágios de transformações sócio-econômicas possam assegurar aos *mass media* papel mais saliente no estímulo à participação (política e comunicacional) dos indivíduos no processo de modernização em curso, bem como nos seus benefícios sociais (participação econômica e psicológica). Todavia, as experiências históricas têm demonstrado que essa função os *mass media* só desempenham quando *especialmente acionados* para tal e não por si mesmos...” (p. 35).

Foi justamente nessa primeira vivência nos *campi* norte-americanos que vislumbrei a outra faceta de Wilbur Schramm: a de historiador das ciências da comunicação.

Recorri aos seus artigos sobre a evolução dos estudos de jornalismo nos Estados Unidos, escritos no período compreendido entre 1935 e 1955, quando Schramm militou nas escolas de jornalismo de Iowa e Illinois. Em 1947, ele concitava a comunidade acadêmica norte-americana a renovar a educação dos jornalistas, sugerindo três providências simultâneas: a) ampliar o universo cognitivo das escolas de jornalismo para transformá-las em escolas de comunicação; b) promover os estudos de jornalismo do nível de graduação para pós-graduação, no sentido de incluir os diplomados em outras áreas do conhecimento, formando jornalistas especializados; c) retirar os estudos do jornalismo do campo das letras e artes para inserí-los no mundo das ciências sociais.

Tais propostas constam do ensaio que publiquei na *Revista da Abepec* (vol.1, n. 2, 1975), sob o título “Pós-graduação nos Estados Unidos: experiências aplicáveis às escolas de jornalismo e de comunicação da América Latina” (p. 11-36).



Foi justamente nessa primeira vivência nos campi norte-americanos que vislumbrei a outra faceta de Wilbur Schramm: a de historiador das ciências da comunicação.

Continuei a acompanhar os escritos de Schramm sobre o desenvolvimento da pesquisa em comunicação, destacando particularmente seu artigo para o *Journal of Communication* (1983). Nessa edição especial denominada “Ferment in the field”, ele defende a tese de que a disciplina Comunicação tende a se transformar no pólo de um campo multidisciplinar compreendendo uma vasta Ciência do Homem, justamente para dar conta do complexo mundo vislumbrado pela emergente Sociedade da Informação.

De certo modo, essa perspectiva foi adotada na *International Encyclopedia of Communications* (4 volumes), por ele inspirada, a pedido de seus editores Erick Barnouw e George Gerbner (New York: Oxford University Press, 1989).

A publicação do livro póstumo *The Beginnings of Communication Study in América: a personal memoir* (London: Sage, 1997) me fez retomar o

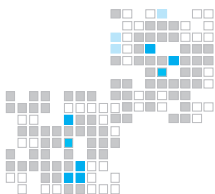
contato com sua plataforma de resgate do pensamento comunicacional, sem dúvida muito útil para consolidar o projeto de reconstituição da memória das ciências da comunicação na América Latina.

Tanto assim que um dos seus principais herdeiros intelectuais, Steven Schaffe, co-autor, juntamente com Everett Rogers, do acervo memorialístico que ele deixou inconcluso, assinalou, generosamente, na dedicatória do volume antes referido: “Prof. Marques de Melo perhaps will wrote the History for Souh América that Professor Schramm wrote for North América” (Stanford Univerity, February, 19, 1998). Duvido que tenha competência para tamanha empreitada, mas confesso que tenho procurado estimular vários pesquisadores da nova geração a trilhar pela rota vislumbrada pelo ilustre cientista norte-americano, cuja memória reverenciamos neste evento.

20

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO, Alejandro. La Unesco y la comunicación para el desarrollo en América Latina, In: MARQUES DE MELO, José, (Org.). *Identidades Culturais Latino-Americanas em Tempo de Comunicação Global*. São Bernardo do Campo: Editora UMESP, 1996.
- BELTRÃO, Luiz. *Fundamentos Científicos da Comunicação*. Brasília: Thesaurus, 1973.
- CASMIER, Fred. *Communication in Development*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing, 1991.
- CHAFFEE, Steven, ROGERS, Everett. The Establishment of Communication Study in America. In: SCHRAMM, Wilbur. *The Beginnings of Communication Study in América: a personal memoir*. London: Sage, 1997. p. 123-192.
- CZITROM, Daniel J. *Media and the American Mind: From Morse to McLuhan*. Chapel Hill: The University of North Caroline Press, 1982.
- D’AZEVEDO, Marcello Casado. *Teoria da Informação*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- DELIA, Jesse G. Communication Research: a History. In: BERGER, Charles R., CHAFFEE, Steven H. (Eds.). *Handbook of Communication Science*. Newbury Park: Sage, p. 20-98, 1987.
- DENNIS, Everett, WARTELLA, Ellen (Eds.). *American Communication Research: The Remembered History*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 1996.
- DINES, Alberto. Prefácio. In: SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação de Massa e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.
- FAGEN, Richard. *Política e Comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- GOBBI, Maria Cristina, MARQUES DE MELO, José. *Matrizes Comunicacionais latino-americanas: Marxismo e Cristianismo*, São Bernardo do Campo, Editora Umesp, 2002.



- LERNER, Daniel, SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação e Mudança nos países em desenvolvimento*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- LERNER, Daniel. *The Passing of Traditional Society*. New York: The Free Press, 1958.
- MARQUES DE MELO, José. *A esfinge midiática*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARQUES DE MELO, José. Comunicação e Desenvolvimento: por um conceito midiático de região. In: GOBBI, Maria Cristina, MARQUES DE MELO, José, SOUSA, Cidival M. *Regionalização Midiática*. Taubaté: UNITAI, 2006. p. 13-36
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação na América Latina: desenvolvimento e crise*. Campinas: Papirus, 1989.
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, Modernização e Difusão de Inovações no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MARQUES DE MELO, José. *História do Pensamento Comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. *História Social da Imprensa*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. *Identidades Culturais Latino-Americanas em Tempo de Comunicação Global*. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 1996.
- MARQUES DE MELO, José. Pós-graduação nos Estados Unidos: experiências aplicáveis às escolas de jornalismo e de comunicação da América Latina. *Revista da Abepec*, vol.1, n.2, p. 11-36, 1975.
- MARQUES DE MELO, José. *Subdesenvolvimento Urbanização e Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MARQUES DE MELO, José. *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Mc ANANY, Emile. Wilbur Schramm, 1907-1987, Roots of the Past, Seeds of the Present. *Journal of Communication*, Estados Unidos, v. 38, n.4, 109-122, 1988.
- OTERO, Edison. Wilbur Schramm: la institucionalización del tema. In: _____. *Teorías de la Comunicación*. Santiago: Universidad de Chile, 1997. p. 117-126
- ROGERS, Everett. Wilbur Schramm and the Founding/Establishment of Communication Study In: _____. *A History of Communication Study: a biographical approach*. New York: The Free Press, 1994. p. 1-32 e 445-495
- SÁ, Adísia. *Fundamentos Científicos da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação de massa e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.
- SCHRAMM, Wilbur. *La Ciencia de la Comunicación Humana*. Quito: CIESPAL, 1965.
- SCHRAMM, Wilbur. *Panorama da Comunicação Coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- SCHRAMM, Wilbur. *Proceso y Efectos de la Comunicación Colectiva*. Quito: CIESPAL, 1964.
- SCHRAMM, Wilbur. *The Beginnings of Communication Study in América: a personal memoir*. London: Sage, 1997.
- TOUSSAINT, Florence. Funcionalismo y comunicación: Wilbur Schramm In: _____. *Crítica de la Información de masas*. Mexico: Trillas, 1975. p. 18-25.

